

**MULHERES NA AGRO: ENFRENTAMENTOS, VITÓRIAS E LIMITAÇÕES
ATUAIS RELACIONADAS AO GÊNERO**
***WOMEN IN AGRICULTURE: CURRENT CHALLENGES, VICTORIES AND
LIMITATIONS RELATED TO GENDER***

Diéli Patrícia de Souza

Mestranda em Zootecnia Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Dois Vizininhos (UTFPR-DV)

dielipatricia@alunos.utfpr.edu.br

Adriana Sbardelotto Di Domenico

Doutora em Engenharia Agrícola (UNIOESTE), Professora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Dois Vizininhos (UTFPR-DV)

domenico@utfpr.edu.br

Mariana Carolina Lyssak

Graduada em Agronomia Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Dois Vizininhos (UTFPR-DV)

marianalyssak@gmail.com

Francieli Motter Ludovico

Doutora em Informática na Educação (UFRGS), Professora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Dois Vizininhos (UTFPR-DV)

francelim@utfpr.edu.br

Grupo de Trabalho (GT): 09. Trabalho, emprego, ocupações rurais e relações de gênero

Resumo

As mulheres rurais passaram por muitas lutas para serem consideradas trabalhadoras rurais. Pois durante a história, sempre foram consideradas ajudantes de seus maridos e por este motivo seu trabalho não era reconhecido e valorizado. Neste contexto surgiu o projeto de pesquisa e extensão “Mulheres na agro: enfrentamentos, vitórias e limitações atuais”. E a partir deste, realizou-se uma pesquisa através de um Formulário Google para e-mails e grupos de WhatsApp de mulheres que atuam ou já atuaram em qualquer área do setor agropecuário, obtendo-se 71 respostas. Concluiu-se com a pesquisa que as mulheres ainda vivenciam um machismo cultural, embora boa parte das participantes, em especial as com menor escolaridade, não tenham essa percepção. E embora muitas das participantes relatam que houveram muitas conquistas e que a infraestrutura de trabalho já melhorou muito para as mulheres no setor agropecuário 85,9% delas disseram que ainda existem muitas barreiras a serem rompidas. De forma geral, mesmo as participantes que não escolheram atuar no setor agropecuário, se veem hoje satisfeitas e realizadas com sua própria vida. Também ficou notório que as mulheres sempre estão preocupadas com a proteção dos filhos, bem-estar da família e ainda, mostraram-se muito preocupadas em melhorar suas propriedades.

Palavras-chave: Agricultura; Agropecuária; Desigualdade de gênero; Trabalho.

Abstract

Rural women have gone through many struggles to be considered rural workers. Because throughout history, they were always considered helpers of their husbands and for this reason their work was not recognized and valued. In this context, the research and extension project "Women in agriculture: current challenges, victories and limitations related to gender" emerged. And from this, a survey was carried out through a Google Form for emails and WhatsApp groups of women who work or have worked in any area of the agricultural sector, obtaining 71 responses. The research concluded that women still experience cultural machismo, although many of the

participants, especially those with less schooling, do not have this perception. And although many of the participants report that there have been many achievements and that the work infrastructure has already improved a lot for women in the agricultural sector, 85.9% of them said that there are still many barriers to be broken down. In general, even the participants who did not choose to work in the agricultural sector are now satisfied and fulfilled with their own lives. It was also notorious that women are always concerned about the protection of children, family welfare and yet, they were very concerned to improve their properties.

Key words: Agriculture; Livestock; Gender inequality; Work.

1. Introdução

Os homens historicamente são considerados provedores de renda e protetores da família, enquanto as mulheres eram consideradas fundamentais somente em atividades domésticas e reprodutivas, ainda que, responsáveis pelas atividades de hortifrúti, cuidado de pequenos animais, ordenha de vacas, enfim de toda a produção agropecuária para o consumo próprio da família, além de atuar juntamente com o marido nas demais atividades do campo, o que dava a estas um papel de ajudante, tanto aos maridos como aos pais, quando solteiras, pois a atividades desenvolvidas por estas, não eram consideradas geradoras de renda, fato que deu origem a desigualdade de gênero, divisão de trabalho, invisibilidade e submissão feminina, ao longo do tempo (LIMA *et al.*, 2005; MADUREIRA, 2017; CIELO; WENNINGKAMP; SCHMIDT, 2014; SPANEVELLO; MATTE; BOSCARDIN, 2016; BRUMER, 2004; NOBRE, 1998).

Apesar de muitas mulheres rurais terem trabalhado desde muito pequenas no campo, elas precisaram lutar pelos direitos de serem reconhecidas como trabalhadoras, deixando o papel de apenas ajudantes (SALES, 2007). Surgiram vários movimentos pelo Brasil, como o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais, em 1980, que reivindicaram os direitos à aposentadoria rural e ao salário-maternidade (SPANEVELLO; MATTE; BOSCARDIN, 2016). Também, os direitos à sindicalização individual feminina, a participação política, a documentação pessoal e de acesso às terras (SALES, 2007).

Segundo Sales (2007), somente em 2003 os títulos e contratos de terras a partir da reforma agrária, saíram em nome do casal (através do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), enfim as mulheres conquistaram o acesso à terra. Com a Constituição de 1988 veio a conquista do direito ao benefício da aposentadoria por idade, aos 55 anos, às mulheres rurais e também o benefício da licença maternidade remunerada, dentre outros (BRUMER, 2004).

Apesar de que as mulheres atualmente já tenham conquistado vários direitos e se equiparado ao gênero masculino em vários quesitos. Martins e Hoffmann (2009) colocam que ainda existem muitos tabus de como deve ser o comportamento e a maneira de se vestir de meninos e meninas, formando ideias, de certo modo inconscientes, de meiguice e fragilidade para as meninas e de bravura e ferocidade para os meninos. Segundo Olinto (2011), a família e a sociedade têm influência sobre as escolhas profissionais da mulher e desta forma, a mulher acaba avaliando e escolhendo as opções dentre o que foi estabelecido como sendo adequado.

A falta de reconhecimento pelo trabalho feminino, assim como, a divisão do trabalho faz com que, ainda hoje muitas jovens saiam do meio rural (BRUMER, 2004; KISCHENER; KIYOTA; PERONDI, 2015). Segundo Spanevello (2008), muitas vezes o êxodo rural feminino, tem causado preocupação aos pais, devido à falta de sucessão na propriedade rural.

Após revisão bibliográfica, foi notória a percepção das dificuldades que as mulheres enfrentaram ao longo da história, principalmente as atuantes no setor agropecuário, o que provém de um machismo cultural, que acaba refletindo, de certa forma, nos dias atuais. Diante disso, o projeto de extensão “Mulheres na Agro: enfrentamentos e vitórias das últimas décadas e limitações atuais”, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Dois Vizinhos teve o propósito de realizar uma pesquisa com mulheres que atuam nas diversas áreas do setor agropecuário, com o objetivo de obter informações sobre as dificuldades, focando em questões como igualdade de gênero, distribuição de tarefas, renda, escolaridade, sonhos e perspectivas

futuras, vislumbrando verificar os ganhos ao longo da história das mulheres que atuam nesse setor, bem como, as limitações que atualmente permanecem procurando prospectar soluções.

2. Materiais e métodos

Primeiramente foi feita uma revisão de literatura sobre a trajetória das mulheres do campo e suas conquistas até o presente momento. Após o projeto seguir os trâmites e ser aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Dois Vizinhos, CCAE 38410620.2.0000.5547 sob parecer 4.423.417, foi realizada a pesquisa com mulheres que atuam ou atuaram no setor agropecuário.

A pesquisa foi realizada através do envio de um Formulário Google, entre 25 de março e 29 de abril de 2021, via grupos de whatsapp, redes sociais e e-mails, a pesquisa foi compartilhada através de sindicatos, associações, entre outros grupos de trabalho, à mulheres que atuam ou já atuaram em qualquer área setor agropecuário. Obteve-se 71 respostas. O formulário possuía um total de 30 questões, 15 destas caracterizaram o perfil das mulheres participantes da pesquisa e 15 questões envolviam a problemática da pesquisa, e buscavam averiguar a visão das participantes em relação aos enfrentamentos principalmente em termos de gênero, as vitórias das últimas décadas e as limitações atuais na trajetória destas mulheres vinculadas ao setor agropecuário.

3. Resultados e discussão

Obteve-se respostas de 71 mulheres para o questionário aplicado. As participantes da pesquisa tinham entre 20 e 72 anos, a maioria delas, isto é 26,8%, tinham entre 30 e 35 anos, 10 (14,1%) tinham entre 20 a 25 anos e 9 (12,7%) 40 a 45 anos, as demais faixas etárias tiveram menos frequências. Cabendo destacar, que praticamente a metade das mulheres, 35 do total de participantes da pesquisa (71) tem até 35 anos, ou seja, compreendem um público jovem, talvez isso tenha ocorrido devido a forma como a pesquisa foi realizada, via formulário google, nesse formato tecnológico as pessoas mais jovens, têm mais facilidade.

Dentre as participantes 63 (88,73%) são do Paraná, 4 (5,63%) são de Santa Catarina, 2 (2,82%) do Rio Grande do Sul, uma de São Paulo e uma de Minas Gerais. Sendo que 55 (77,5%) são de municípios que abrangem o Sudoeste do Paraná. E quase 50% especificamente do município de Dois Vizinhos (PR), isso mostra que, embora a pesquisa tenha algumas variações de localidades, em sua grande maioria foi realizada com mulheres paranaenses.

Em relação ao grau de escolaridade percebe-se que as 12 (16,9%) mulheres que têm ensino fundamental incompleto possuem mais de 45 anos e no máximo 72, são as mais velhas, algumas relataram que não estudaram mais, por não terem tido oportunidade. Das 2 (2,8%) que têm ensino fundamental completo, ambas têm 40 anos. Quanto às 13 que têm ensino médio completo, a idade varia de 21 a 53 anos, sendo que somente uma tem 21 anos e as demais mais de 30. Das 9 (12,7%) que têm ensino superior incompleto, 7 têm entre 20 e 24 anos, o que demonstra que a geração das mulheres mais jovens está sendo mais oportunizada, e estas estão indo além do ensino médio, somente uma tem 43 e outra 52 anos. Já das 9 (12,7%) que têm o ensino superior completo, 6 têm de 24 a 33 anos e 3 entre 42 e 52 anos. Esses dados refletem em uma divergência de oportunidades entre as diferentes gerações. Das 3 (4,2%) que têm especialização, uma tem 29 anos, uma 35 e outra 46. Das 6 (8,5%) que tem Mestrado, a idade varia de 23 a 29 anos e uma tem 46 anos. Quando se trata de doutorado, 12 (16,9%) das participantes com idade variando de 31 a 42 anos. E das 5 (7%) que têm pós-doutorado, a idade varia de 31 a 46 anos.

O Centro de Estudos Avançados em economia aplicada (CEPEA) (2018) descreve que questões culturais interferem na contratação de mulheres em atividades que demandam força

física, mas em contraponto, tem ocorrido um aumento da participação feminina no agronegócio que está relacionado aos níveis de instrução, apontando uma crescente ascensão para funções que exigem maior qualificação. Para Hoffmann (2018) a escolaridade média vem crescendo continuamente no Brasil e este crescimento tem sido mais acentuado para as mulheres.

Dentre as pesquisadas 46 (64,8%) que disseram residir em uma propriedade rural, as atividades mencionadas que executam foram: 16 (22,5%) exercem atividade de produção leiteira, 9 (12,7%) exercem atividades variadas, ou seja, mais de uma atividade (o que se torna uma sobrecarga e até uma dupla ou tripla jornada de trabalho), 9 (12,7%) na produção de grãos, 8 (11,27%) trabalham com avicultura, 3 (4,2%) trabalham com bovinocultura de corte, 2 (2,8%) trabalham com panificação, 1 (1,4%) na produção de café, 1 (1,4%) com suinocultura, 1 (1,4%) com produção diversificada de alimentos e 1 (1,4%) na horticultura.

Boa parte das pesquisadas, 25 (35,2%), não residem atualmente em uma propriedade rural, porém estas atuam de forma direta ou indireta no setor agropecuário. Dentre estas 5 (20%) são professoras, 3 (12%) são médicas veterinárias, 3 (12%) fizeram estágio, 2 (8%) trabalham em agropecuárias, 1 (4%) já executou pesquisa de docência, 1 vende produtos aditivos para bovinos de leite, 1 (4%) trabalha com consultoria técnica de abate, qualidade de carne e derivados, 1 (4%) é pesquisadora e gerente técnica comercial em avicultura, 1 (4%) é extensionista rural, 1 (4%) trabalhou com apicultura, qualidade de silagem e leite, 1 (4%) trabalha com gestão municipal na secretaria de Agricultura, 1 (4%) trabalha com agricultura e pecuária, 1 (4%) trabalha com Gerenciamento de dejetos oriundos de propriedade e 1 (4%) no Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná, o que mostra, que não é necessário morar em uma propriedade rural para exercer atividade neste setor.

Quando perguntadas sobre a principal fonte de renda da família 43 (60,6%) disseram que a atividade que exerciam era a principal, 16 (22,5%) disseram que não, 1 (1,4%) disse que compõe metade da renda e o restante não respondeu.

Ao serem questionadas sobre o porquê atuam no setor, muitas dizem que é por gostarem do que fazem, sentem liberdade e amor, gostam do contato com a natureza, tem mais autonomia, tranquilidade e qualidade de vida, outras dizem ser o setor de maior aptidão e algumas não tiveram outra alternativa, pois não estudaram, outras o agro era o que dava mais dinheiro na época em que iniciaram. Assim, a rentabilidade que o agronegócio proporciona foi uma motivação para algumas. O que se percebe também é que, além de gostarem, muitas foram influenciadas pelos familiares, pois desde pequenas foram criadas na agricultura, o que se observa em alguns relatos como estes:

“Meus pais eram agricultores, mas como eu sou a filha mais nova, fiquei responsável pela minha mãe bastante doente, meu pai já era falecido, e como ela não quis ir morar na cidade, embora eu até tinha um emprego em uma indústria, e como eu não podia deixá-la sozinha, iniciei minhas atividades na avicultura, gostei mantenho até hoje (19 anos nesta).” (Mulher de 49 anos);

“Sou filha de proprietários rurais, quando jovem fui morar na cidade para estudar, quando casei retornei ao meio rural, e em uma visita da BRF -Brasil Foods, eu e meu marido (falecido a 7 anos) decidimos iniciar na área da suinocultura e desde então estou na atividade (cerca de 20 anos).” (Mulher de 56 anos);

“Meus pais (in memória) eram agricultores, eu trabalhava por obrigação, após a militância nos movimentos sociais entendi que somos quem alimenta a nação, hoje me defino como agricultora e isto é um modo de vida.” (Mulher de 52 anos);

“Resolvi trabalhar no setor, pois minha família vem do mesmo, e quis dar continuidade ao que já temos, aprendendo mais e podendo agregar os meus conhecimentos dentro do meu grupo familiar.” (Mulher de 21 anos);

“Sou neta e filha de produtores, meus pais sempre me incentivaram. Minha inspiração vem de um tio que é engenheiro agrônomo e sempre me apoiou.” (Mulher de 44 anos).

Ao contrário destes relatos, se vê na resposta da entrevistada de 38 anos abaixo, que a influência dos familiares pode dar incentivo ou desmotivar na decisão da permanência dos filhos em atividades do meio rural/setor agropecuário:

“Como era filha de agricultores, e minha mãe dentre outras atividades atuava na bovinocultura leiteira, eu também ajudava, estive nesta atividade até terminar minha faculdade, não fiz agronomia e nem veterinária, por não ter sido incentivada pela família.” (Mulher de 38 anos).

De acordo com Brumer (2004) e Kischener, Kiyota e Perondi (2015) estes fatos são responsáveis por gerar a divisão e falta de reconhecimento do trabalho feminino no meio rural, acabando por fazer com que muitas moças jovens decidissem ir para a cidade para trabalhar em outras áreas.

Uma problemática bem preocupante é o êxodo rural, isto é, quando os filhos optam por não continuar no campo, fato que acontece mais frequentemente no meio feminino (SPANVELLO, 2008). Para Carneiro (2001) a sucessão de terras e propriedades rurais geralmente é dada às mulheres, quando não há descendência masculina, onde a preferência sempre é dada aos filhos homens (STADUTO, 2015).

Caso as mulheres tivessem mais oportunidades na sucessão das propriedades rurais, poderia ser mais vantajoso para as famílias, e em consequência disso, as mulheres seriam melhor reconhecidas socialmente (BLUM, 2012). A inserção da mulher no campo pode ganhar espaço através do desenvolvimento de estratégias de gestão e valorização do trabalho feminino (SILVA, 2012).

Das que relataram outros fatos do porquê atuam no setor agropecuário, destacaram-se os seguintes relatos:

“Eu nasci no meio rural, mas tive a oportunidade de estudar, cursei o ensino médio completo, fiz magistério e contabilidade nos anos que estudei. Meus pais sempre foram do meio rural. Depois que me formei não consegui nenhum emprego na área de contabilidade e nem de magistério, naquela época precisava passar no concurso público da cidade e não houve naquele ano. Acabei indo embora para Curitiba ... mas como não me adaptei retornei morar com meus pais e acabei me casando, com uma pessoa do meio rural igual a mim. As responsabilidades de uma mulher casada, com filhos, aumentam. O meu deslocamento do sítio para cidade se tornava cansativo, mesmo eu amando o que eu fazia, com o tempo se tornou inviável, ainda mais que meu marido pagava uma pessoa para ajudar ele nas atividades rurais, coisa que eu poderia fazer, então optei para me dedicar a minha propriedade. Mas, como tudo na vida não sai exatamente dentro do que se é esperado....ele faleceu e eu continuo no meio rural, produzindo café como sempre, como desde menina, só que agora conto somente com a ajuda de meu filho mais velho e da minha caçula.” (Mulher de 48 anos);

“Falta de oportunidade de estudo, isso foi o que me restou para fazer. Se tivesse mais oportunidades talvez teria feito outra coisa. Porém, hoje em dia eu gosto do que faço.” (Mulher de 55 anos, atua na avicultura e na bovinocultura de corte);

“Independência, concorrência zero (produto orgânico, certificado), autonomia, segurança alimentar, escolhi ser camponesa! E hoje sei que não nasci para outra coisa.” (Mulher de 37 anos, horticultura);

“Mudei de uma cidade grande, São Paulo, eu e meu marido resolvemos mudar a nossa qualidade de vida e vir morar num Sítio e ficar próximo a natureza.” (Mulher de 52 anos, trabalhadora rural antes, agora aposentada);

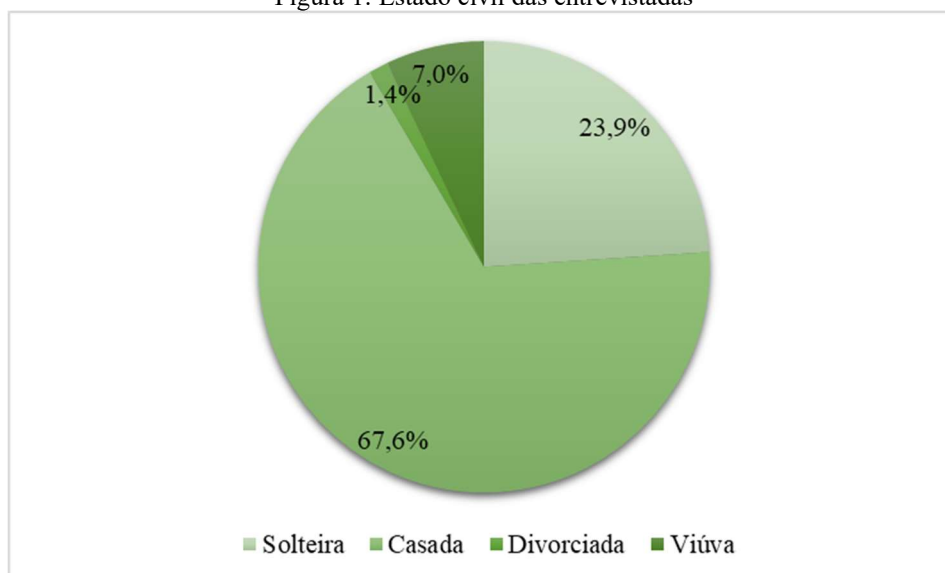
“No RS, era atividade de minha família. Depois optei por um curso de universidade na área agrária, em virtude de maior aptidão na área.” (Mulher de 40 anos, trabalhou em lavoura, agora do setor Florestal);

“Foi por causa dos filhos, podia ficar com eles, daí acabou virando profissão.” (Mulher de 39 anos, produção de leite).

Observa-se nos relatos supra descritos, que nem todas as mulheres que atuam neste setor escolheram isto para suas vidas, algumas relataram dificuldades que contornaram suas vidas, e fizeram com que elas acabassem atuando neste setor, e ainda algumas optaram pelo setor porque o trabalho que executam possibilita ter mais tempo com os filhos.

A maior parte das entrevistadas são casadas, conforme mostrado na Figura 1, Nenhuma das mulheres que se encontram solteiras têm filhos e algumas das casadas também não têm. A média de filhos relatada pelas participantes é 2.

Figura 1: Estado civil das entrevistadas



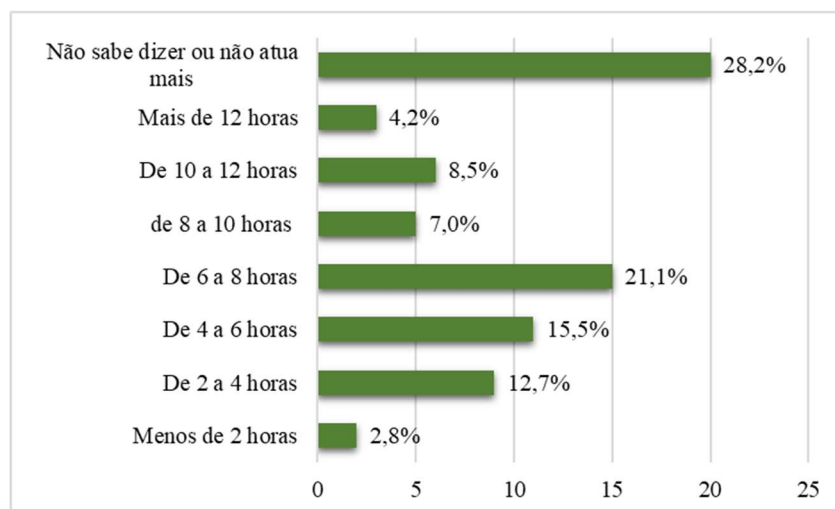
Fonte: Pesquisa das próprias autoras

Das mulheres entrevistadas 54 (76,1%) são oriundas do setor agropecuário e 17 (23,9%) não. O que mostra grande influência familiar, pois, quase três quartos das mulheres nasceram no interior e continuaram exercendo atividades no setor, ou relacionadas a ele.

Ao serem questionadas sobre o tipo de propriedade onde trabalham (se é familiar ou não) 50 (70,4%) disseram que a propriedade era familiar e o restante disse que não. As que não trabalham na propriedade da família, trabalham em lojas agropecuárias, na instituição UTFPR-DV, realizaram estágios, trabalham em empresas, em áreas de gestão ou técnicas, ou em propriedades que não são da família. Sem contar que atualmente algumas não exercem mais a função e são aposentadas ou professoras.

Boa parte das mulheres não souberam responder ao certo quantas horas trabalham ao dia em dedicação a atividade agropecuária, como se vê na Figura 2. Das que informaram 14 (20,0%) trabalham mais de oito horas por dia, demonstrando, que algumas possuem jornadas exaustivas. Segundo Gasparini (2016), o ideal para se ter uma boa qualidade de vida, deve-se trabalhar no máximo 40 horas semanais, pois, quando se ultrapassa esse limite frequentemente, pode-se ocasionar problemas físicos e mentais, além de, prejudicar a produtividade.

Figura 2: Jornada de trabalho em horas diárias para a realização da atividade agropecuária executada pelas participantes



Fonte: Pesquisa das próprias autoras

Sobre as atividades domésticas, somente 15 (21,1%) tem empregadas/diariistas e babás, destas, 5 (33,3%) somente uma vez na semana e 1 (6,7%) duas vezes na semana. Algumas das entrevistadas tem ajuda de seus maridos e/ou filhos nas atividades domésticas, das quais se destacaram os seguintes relatos:

“De segunda a sexta-feira minha dedicação é completa ao lar, meu marido nos últimos tempos tem me ajudando muito nas atribuições domésticas, afinal o tempo passou para nós dois estamos mais velhos. Mas antigamente quando ele trabalhava direto na lavoura ele atuava somente na lavoura, eu cuidava da casa, dos filhos, trabalhava na lavoura e na bovinocultura de leite (até meus 45 anos).” (Mulher de 65 anos);

“Nos dias em que estou mais apurada meu marido me ajuda, sempre ajudou. A gente faz um pouco antes de sair para fora, aí quando volta faz almoço, não sei o tempo ao certo, é o tempo que sobra dentre os outros afazeres. Enquanto um faz almoço o outro vai varrendo e ajeitando, um arruma a mesa, o outro leva as coisas, um lava a louça e o outro enxuga, é dividido as tarefas. [...]” (Mulher de 51 anos);

“[...] a tarefa é distribuída com meus filhos e marido, vamos nos ajudando.” (Mulher de 35 anos);

“[...] O marido ajuda com o cuidado dos filhos e esporadicamente na limpeza e organização da casa. [...]” (Mulher de 28 anos);

“[...] a tarefa da casa dividimos em 3: eu, meu marido e meu filho, mas a maior parte quem faz sou eu, pois fico muito tempo ainda fazendo quando já é noite.... sou a primeira que levanto e a última que vou deitar...etc. [...]” (Mulher de 51 anos);

“Eu e meu marido trabalhamos fora, por isso nos organizamos e nos revezamos nas atividades da casa. [...]” (Mulher de 44 anos);

“[...] na limpeza todos ajudam, pois todos usamos a casa, meu marido, eu e minha filha. Um dia da semana fazemos faxina e nos outros mantemos.” (Mulher de 35 anos).

Porém, algumas também disseram o contrário, que não recebem ajuda de seus maridos:

“[...] cuido da casa e dos filhos e só tive empregada quando meus filhos eram menores. Faço a maior parte das tarefas e conto com a ajuda das minhas filhas. Meu marido não participa. [...]” (Mulher de 43 anos);

“As tarefas da casa e o cuidado com os filhos sou eu quem faz, marido faz só na roça e eu ajudo fora, o restante do dia em casa e de noite faço faculdade.” (Mulher de 32 anos);

“As principais tarefas eu realizo, os filhos também ajudam nas tarefas, o marido não ajuda nos afazeres da casa. [...]” (Mulher de 49 anos);

“[...] A maioria das tarefas domésticas são realizadas por mim [...]. Sou eu quem lava a louça, limpa a casa, cuida das roupas, da comida. Uma vez ou outra, meus filhos me ajudam, mas a maioria das tarefas sou eu.” (Mulher de 48 anos);

“Realizo todas as atividades desde arrumar a cama até o corte de grama... meus filhos ajudam sim...já o esposo trabalha fora...” (Mulher de 34 anos);

“[...] meu companheiro não me ajuda com as tarefas domésticas. [...]” (Mulher de 52 anos).

Também Madureira (2017), constatou em sua dissertação que 61,5% das 39 mulheres entrevistadas dizem não receber ajuda dos demais membros da família no desenvolvimento de tarefas domésticas. Stadler (2008), descreve que algumas mulheres possuem uma dupla jornada que agrega os cuidados da casa, dos filhos e demais serviços externos a casa. O que pode ser considerado até mesmo um desrespeito, quando elas trabalham da mesma forma ou até mais que os homens e não recebem ajuda destes nas atribuições domésticas.

Sobre sentir dificuldade para atuar no setor, somente pelo fato de ser mulher, 31(43,7%) disseram que não sentem dificuldades, 5 (7,0%) dizem que sentem dificuldades em alguns momentos, e o restante diz que sente dificuldades por conta de preconceitos e de assédios. Dentre todos os relatos, das que sentem dificuldade, os que mais chamam atenção:

“Quando ingressei na faculdade de agronomia tive um choque com a cultura machista vindo até mesmo de alguns professores. Não que eu seja feminista ao extremo, mas graças a minha formação familiar sempre soube que eu deveria conquistar meu espaço e para isso eu teria que superar alguns obstáculos. Isso melhorou muito ao longo desses 20 anos, com o reconhecimento da figura feminina ocupando seu espaço em diversos setores sociais e profissionais, porém ainda existe a cultura machista, (hoje mais velada), por muitos anos nós técnicas e produtoras tivemos que provar constantemente nossa capacidade, nem sempre com o reconhecimento financeiro ou intelectual merecido...” (Mulher de 44 anos);

“O descrédito por parte dos próprios produtores existe. Nunca visitei uma propriedade na qual fui atendida por alguma mulher. Já houve situações de irmos para propriedade com a equipe dos projetos, e de o produtor pedir para que eu “não fosse mais porque não era coisa de mulher”. Depois de muito tempo, entendi que para poder fazer a pesquisa dentro das propriedades, antes é necessário criar um laço com o produtor, visitar, ir tomar um chimarrão, falar de outras coisas para depois entrar com a proposta da pesquisa e mostrar meu potencial para trabalhar com eles. Esse tipo de situação não acontece com meus colegas homens, por exemplo.” (Mulher de 31 anos);

“[...] em algumas tarefas da medicina veterinária, por exemplo, preferem os homens. Inclusive no concurso para médico veterinário responsável pelos animais do campus. Em outras ocasiões os produtores e colaboradores têm resistência em seguir as orientações das mulheres.” (Mulher de 31 anos);

“Preconceito é muito nítido quando somos entrevistadas por homens. O fato de ter filho faz com que mesmo com qualificação, a vaga seja destinada a homens ou alunas recém-formadas sem família.” (Mulher de 35 anos);

“[...] é um trabalho pesado, não tenho parceiro para dividir tarefas. Além de ter que ficar provando várias vezes que sou capaz de fazer várias coisas.” (Mulher de 42 anos);

“[...] mulheres não são muito ouvidas e homens acham que têm melhores opiniões e ideias, acham que agem melhor por serem homens.” (Mulher de 20 anos);

“[...] Sim. Muitos não respeitam a opinião de uma mulher. Até mesmo por parte das mulheres existe uma dificuldade.” (Mulher de 23 anos);

“A maior dificuldade é ficar muitas vezes na sombra do marido. Por ser homem, dá mais credibilidade.” (Mulher de 33 anos).

Das 43,7% que disseram não sentir dificuldades, também se destacaram alguns relatos, como:

“[...] antigamente levava a sério a questão de os homens testarem tanto as mulheres no campo. Hoje sei que somos tão boas quanto ou até melhores. Temos poder de decisão, de organização, de trabalho. Hoje me sinto realizada, feliz.” (Mulher de 37 anos);

“[...] trabalho na compra e venda de soja e milho a mais de 8 anos...negócio diretamente ligado a produtores rurais e com tradings...e nunca tive problema nisso por ser mulher...” (Mulher de 33 anos);

“[...] consigo desempenhar a atividade com êxito, procuro estar sempre atualizada e querendo evoluir a minha propriedade. Tenho consciência de que tenho capacidade.” (Mulher de 43 anos);

“Não sinto porque eu gosto do que faço, mas acho um serviço puxado, se eu tivesse tido mais oportunidades acho que preferia trabalhar em uma indústria.” (Mulher de 49 anos);

“Não, nunca senti. Nem enquanto estudava e nem atuando, quando se tem conhecimento e argumentos convincentes não se tem dificuldade.” (Mulher de 31 anos);

“Não tenho dificuldade, sempre estive na frente das decisões e investimentos feitos e ainda cuido sozinha da parte financeira.” (Mulher de 49 anos).

Ao serem questionadas se a execução da atividade agropecuária a distribuição de renda e tarefas seria feita de forma igualitária entre todos membros envolvidos (homens e mulheres) e se as decisões tomadas são discutidas, 50 (70,4%) disseram que sim, 13 (18,3%) disseram que não e 5 (7,0%) disseram que não se aplica, pois não atuam no setor e 3 (4,2%) dizem que são sozinhas, portanto compõem suas próprias rendas. Em relação ao preconceito em relação ao gênero, algumas das participantes deixaram relatos interessantes:

“Uma vez um provador de café me deixou deslocada, vamos dizer que não me deu importância... depois que eu fizer isso, eu provo o seu café...se eu fosse uma pessoa importante, não teria me tratado assim... Acho que enfrentei mais dificuldade quando me casei, a família dele era totalmente diferente da minha... eles achavam que mulher se resumia a cuidar somente da casa, do marido e dos filhos, as outras atividades, não cabia para mim...” (Mulher de 48 anos, produção de café);

“No caminho profissional que escolhi não. Mas minha criação enquanto menina-moça, desde os brinquedos, as tarefas do lar, os meios de lazer, os relacionamentos com amigos, a forma como eu deveria me portar em relação às pessoas e o convívio social foram integralmente cheios de crenças e preconceitos culturais, de que uma moça de família se porta assim.... Enquanto outra que cai na vida ...” (Mulher de 38 anos, Professora);

“Além de pedidos dos produtores para que eu não fosse mais na propriedade, já tiveram situações de olhares indecentes, descrédito ao trabalho desenvolvido e indiferença. Já aconteceu de levar o retorno dos resultados para o produtor e ouvir que não era importante. Quando um colega homem levou os mesmos resultados, o produtor achou incrível. Enfim...” (Mulher de 31 anos, trabalho em propriedades com bovinos, aves e suínos);

“Passar por perguntas frequentes do tipo: ‘mas lidar com motosserra não é um serviço adequado para uma mulher?’. Ou ainda, quando você for numa agropecuária ou loja de manutenção de motosserras pedindo corrente dentada, óleo de 2 tempos, ou saber de determinada polegada, ainda assusta os vendedores, hehe.” (Mulher de 40 anos, lavoura e cultivo de subsistência);

“[...] como também sou estudante de agronomia, percebo uma falta de credibilidade no que posso passar de novo ou de conhecimento. Não nasci no município e não tenho origem alemã, e aqui as vezes eles me olham atravessado.” (Mulher de 42 anos, avicultura de postura);

“[...] a muitos anos quando fui buscar um financiamento agrícola no meu nome, quando eu cuidava da atividade leiteira na propriedade, o gerente do banco pediu se eu tinha me separado do meu esposo porque eu estava financiando e não ele.” (Mulher de 52 anos, grãos e agricultura de subsistência).

“Quando era estagiária não tinha oportunidade de conhecer grandes propriedades e trabalhar lá. O gerente da fazenda não conversava comigo por achar que eu não era capaz de discutir as questões da fazenda.” (Mulher de 31 anos, Médica Veterinária);

“Sim, e ainda de outra mulher, uma agente de saúde veio fazer visita mensal e eu estava limpando onde tratamos as vacas, ela me falou: que vida é essa, viver limpando isso, você devia estudar e ser alguém na vida.” (Mulher de 35 anos, produtora de leite);

“[...] um veterinário reclamava constantemente que aviário não era lugar para mulher, mas ele logo saiu. Depois dele passaram muitos outros (as) e nunca falavam nada, sempre me trataram bem.” (Mulher de 49 anos, avicultura);

“Uma grande multinacional inclusive me perguntou o que eu faria com meu filho e o que meu marido diria se precisasse viajar.” (Mulher de 35 anos, pesquisa de docência).

“Hoje mesmo recebi um perito para avaliar a lavoura financiada no meu nome e percebi que ele achou que eu não entendia nada sobre as plantas.” (Mulher de 35 anos, produção de leite e lavoura).

Enquanto, houveram outras mulheres que disseram não ter sofrido preconceito em termos de gênero, abaixo seguem alguns testemunhos:

“[...] andava muito a pé e de ônibus por não saber dirigir. Durante os 19 anos que meu marido trabalhou fora, eu que sempre tomei conta das coisas, pagava contas, comprava, buscava, fazia o rancho, ia no colégio dos filhos. Sempre fui bem tratada nos lugares e nunca sofri preconceito.” (Mulher de 55 anos, atividade leiteira);

“[...] ainda existe preconceito, mas Graças a Deus é uma minoria. Aqui em nosso município existe um engajamento no agro com algumas lideranças femininas nas propriedades, sindicato rural, cooperativa, associação, etc.” (Mulher de 44 anos, trabalha na secretaria de agricultura municipal);

“Olha nunca senti preconceito, mas às vezes me sinto meio sozinha para realizar atividades onde um homem seria mais efetivo, mas só pelo trabalho braçal.” (Mulher de 46 anos, Lavoura/produção de grãos);

“No meu caso ainda não, mas vejo pela mãe já ter sofrido alguns problemas relacionados com deboche de caminhoneiros, mecânicos, entre outros.” (Mulher de 21 anos, atividades variadas);

“[...] minha atividade é super empreendedora, jamais levei questões de preconceitos a sério. Acho que somos superiores ao preconceito e trato isso como falta de conhecimento e mesquinha de quem o faz.” (Mulher de 37 anos, horticultura).

Foi pedido às entrevistadas, qual seria o conselho a ser dado a iniciantes no setor, muitas disseram que deveriam ter força, paciência, persistência, gostar do que se faz e lutar por isso, alguns conselhos foram:

“Que a avicultura não é um serviço fácil, deveriam procurar um lugar mais limpo, com menor jornada de trabalho como na indústria por exemplo, talvez pudessem até encontrar maior rentabilidade em outra atividade. Mas acima de tudo, alguma coisa (trabalho) nós temos que fazer e nós mulheres, casadas ou não, precisamos ter nossa autonomia, nosso dinheiro para aplicarmos no que achamos necessário, seja em uma loja de utilidades (1,99) que for.” (Mulher de 49 anos, avicultura);

“Primeiro tem que gostar do que vai fazer. Se não gostar nunca terá retorno na vida, não só pensar no financeiro. Não ficar se impondo, tem que ter bom senso. Hoje tem muita gente que reclama do preconceito por ser mulher, mas tem muitas que se expõem de mais, tem que saber o limite de até onde ir. O setor agropecuário é bom para quem gosta, não tem nada que me tire daqui a gente não tinha muita opção, mas eu gosto do que faço.” (Mulher de 51 anos, atividade leiteira);

“Estar ativa no meio, procurar sempre ajudar umas as outras, participar de grupo que existe interação de mulheres, a experiência do dia a dia, ter, determinar, estar preparada para tudo, um ano as coisas vão super bem, em outros parece que nada dá certo... O amor e a paixão de realizar aquilo que se faz, sempre acreditando que é capaz e que no final tudo é possível.” (Mulher de 48 anos, produção de café);

“[...] eu falo para as minhas amigas que estudem e sejam independentes o suficiente para conseguir se virar sem a necessidade de um marido. Assim, quando tiver, o trabalho será mais compartilhado e o crescimento será dos dois. Pois se só o homem tem a força de trabalho, a mulher ficará em segundo plano, na sombra dele.” (Mulher de 42 anos, avicultura de postura);

“Que em pleno século 21, decidir por atuar no setor agropecuário, não é uma tarefa fácil, será uma atividade permeada de desafios e provas. Mas os pontos positivos são: as tecnologias atuais facilitam a atuação e a visão das pessoas também melhorou, hoje a mídia divulga que lugar de mulher é onde ela quiser.” (Mulher de 38 anos, professora);

“Tem que fazer com amor, pois acima de tudo, em tudo que fizer tem que ter amor. Pois, assim você vai prestar serviço de qualidade. Para quem gosta e se criou na agricultura não é difícil, mas para quem não se criou, precisa ter coragem, responsabilidade e muito compromisso.” (Mulher de 55 anos, atividade leiteira);

“Se elas tiverem vontade é o que importa, não precisa se preocupar com machismo. Ter vontade, garra só faz você ser vencedora. Eu mesmo admiro meu trabalho e minha luta na suinocultura. Minha propriedade é organizada e limpa, sempre elogiada pela integradora.” (Mulher de 56 anos, suinocultura e produção de grãos);

“[...] a agricultura precisa de mulheres, porque são elas que fazem a diferença, tem o dom de processar alimentos, tem a sensibilidade de transformar tudo em refeição, e hoje a tecnologia ajuda a não precisar pegar no pesado.” (Mulher de 32 anos, atividade leiteira);

“Sejam objetivas. Não enxergue assédio masculino, como algo totalmente ruim. Na grande maioria, são convites. Você recusa e não tem que se magoar por isso. Tenha um aperto de

mão bem firme e retire os óculos de sol ao falar. Postura levará você aonde quiser.” (Mulher de 39 anos, professora);

“Eu vejo que as jovens inclusive a minha filha, que elas estão fortes e firmes daquilo que querem, meu conselho é que não aceitem preconceito, desrespeito por ser mulher, machismo, isso já trouxe muito sofrimento a nós mulheres e não devemos nos calar.” (Mulher de 35 anos, atividade leiteira);

“Tem que levar como um trabalho qualquer, claro que vai ter que se programar bem, porque geralmente trabalhamos na propriedade mesmo, daí fica mais difícil criar uma rotina, mas também tem a vantagem de que o que você faz é para você.” (Mulher de 34 anos, plantio de soja e panificação);

“Tem que ter muita força de vontade porque as atividades são sujeitas a clima, sol e chuva, muito calor, o trabalho é dificultoso, mas hoje está muito mais fácil que antigamente, as máquinas tomaram conta, precisa gostar.” (Mulher de 65 anos, Lavoura/produção de grãos);

“Não é competição de poderes entre homens e mulheres, a questão é oportunizar e equilibrar, construir um trabalho em conjunto. Somos todos capazes. Basta saber que podemos chegar onde quisermos com a nossa dedicação.” (Mulher de 44 anos, secretária de agricultura municipal);

“[...] um trabalho que se você gostar do que faz, não é um trabalho é um prazer ... tem que gostar do campo. Tem pessoas que gostam e outras que simplesmente não podem nem sentir o cheiro do sítio hehehe.” (Mulher de 33 anos, fábrica de ração leiteira);

“Não desistam, tomem seu lugar de falar e incentivem outras mulheres. Quem mais me ajudou na minha carreira foram outras mulheres e senti falta do apoio de muitas mulheres também.” (Mulher de 31 anos, Médica Veterinária);

“Luta, coragem, força, não desistir na primeira pedra do caminho. Acima de tudo garra, por que isso a mulher tem de sobra. Persistência, afinal isso nos faz melhores sempre.” (Mulher de 37 anos, horticultura);

“Que se sintam orgulhosas por atuar em uma profissão tão digna, que é produzir “comida” para a população urbana, e que somos capazes sim de tocar qualquer atividade agrícola.” (Mulher de 52 anos, produção de grãos e agricultura de subsistência);

“Eu aconselharia os jovens a estudarem e terem uma profissão mais leve, e não como a panificação, pois é um serviço pesado e esgotante, sofrido.” (Mulher de 45 anos, panificação);

“Por mais que eu seja nova, sempre digo às minhas colegas que às vezes não tem a mesma vivência que eu ‘não desista, enfrente e mostre que sabe!’ (Mulher de 21 anos, atividades variadas.);

“[...] diria para acreditar no potencial que você sabe que tem, e não acreditar em quem disser o contrário.” (Mulher de 31 anos, gerenciamento de dejetos oriundos de propriedades);

“O conselho seria estudar e se formar primeiro. Para depois atuar no setor agropecuário, com mais conhecimento para administrar.” (Mulher de 55 anos, avicultura e bovinocultura);

Das entrevistadas que prestaram ou prestam serviços agropecuários, como zootecnistas, agrônomas, veterinárias ou que possuem relatos sobre as habilidades e conhecimentos questionados, 26 (36,6%) disseram que sim e 21 (29,6%) disseram que não, o restante não respondeu. Algumas situações foram relatadas:

“No tempo do curso técnico deixei certo de realizar estágio em uma empresa agropecuária e um colega também iria fazer no mesmo período. No dia que fomos iniciar falaram que somente um poderia fazer e me pediram para ir procurar outro lugar. No final da graduação fui numa cooperativa buscar estágio e me falaram que já tinham encerrado e não pegariam mais estagiários, quase um mês depois um colega veio me pedir se eu já tinha achado estágio porque aquela mesma cooperativa pediu se ele queria fazer estágio lá. Quando tive meu segundo filho fui fazer um curso do Senar com meu esposo, de manejo em bovinocultura leiteira, eu amamentava meu bebê de 6 meses, no fazer a inscrição a moça me pediu se eu tinha com quem deixar o bebê porque ela não faria a inscrição, eu não poderia ficar com ele, como a minha mãe ficaria com ele e só levaria para as mamadas ela fez a inscrição. O curso era na maioria teórico, se o bebê começasse a chorar eu iria sair, mas em vez disso, nem a inscrição seria feita se não tivesse com quem deixar ele.” (Mulher de 28 anos, Produção de leite e derivados);

“[...] hoje como professora sinto-me desafiada pelos alunos, quando tenho que ensinar algo técnico. Mas com os agricultores foi muito pior. Vivenciei situações nas quais, ao chegar na propriedade os agricultores me diziam para ficar na cozinha conversando com suas esposas, enquanto eles resolviam as questões técnicas com o colega homem que me acompanhava.” (Mulher de 42 anos, Professora);

“[...] principalmente quanto a treinamentos para execução de serviços, como manutenção de motosserras, execução de serviços de podas em árvores, por acharem que mulheres são delicadas ou que não tem força ou resistência física para executarem serviços ditos pesados, como os que mencionei anteriormente.” (Mulher de 40 anos, produção de grãos);

“[...] por ser nova e mulher, muitos acham que eu não sei nada, ou que sou secretária, estagiária. É complicado. No início era pior, mas agora até melhorou porque já me conhecem.” (Mulher de 28 anos, IDR Paraná);

“[...] meu irmão por ser agrônomo, sempre em rodas de amigos já ouvi de alguns, que não devia estar neste ramo, até mesmo primos falaram que eu não aguentaria trabalhar com isso.” (Mulher de 21 anos, estudante de Zootecnia);

“[...] Minhas opiniões só eram ouvidas quando um homem apoiava ou roubava a ideia de mim. Meu chefe sempre questionava se eu era capaz de fazer as coisas.” (Mulher de 31 anos, Médica Veterinária);

“[...] comentários como ‘esse trabalho não é para você’ ou ‘vai estragar a unha hein.’” (Mulher de 31 anos, Gerenciamento de dejetos oriundos de propriedades);

“Mesmo não prestando serviço, sou questionada pelo próprio esposo que não reconhece a capacidade e o trabalho que exerço na atividade.” (Mulher de 49 anos, Avicultura);

“Simmmmm, muito. Principalmente por homens que se acham superiores porque tem experiência de anos (fazendo bastante coisas erradas).” (Mulher de 21 anos, estudante de Agronomia);

“Declaradamente não, mas sinto que meus avanços não são valorizados pelo grupo da mesma forma que os avanços dos colegas homens.” (Mulher de 46 anos, Extensionista rural);

“Sim, durante o estágio na faculdade um proprietário rural duvidou que eu conseguisse fazer as coisas por ser mulher.” (Mulher de 35 anos, Professora).

Das que disseram que não foram questionadas, algumas apresentaram relatos como:

“Eu não, mas uma colega veterinária foi tratada como se não soubesse o que estava fazendo, por alguém com menor conhecimento no assunto.” (Mulher de 20 anos, experimento com ovelhas);

“Não de forma direta. Mas existe certo receio por parte de alguns homens.” (Mulher de 29 anos, atividade leiteira);

“Não, mas por ser jovem em início de carreira, sim, porém, algumas se demonstram seguras.” (Mulher de 39 anos, Professora).

“Não eu dou show em homem na maternidade e na suinocultura.” (Mulher de 56 anos, suinocultura e produção de grãos);

“Não, muitos me admiravam por ser mulher e estar atuando em atividades pesadas.” (Mulher de 65 anos, Lavoura/Produção de grãos);

“Não, nunca me questionaram quanto a isso, visto que nunca parei de estudar, sempre estou me atualizando.” (Mulher de 27 anos, Médica Veterinária);

“Sou Administradora Rural, pedagoga e este ano formei em Agronomia, os homens me respeitam porque coloco limites e mostro na prática o que é uma mulher forte e resolvida.” (Mulher de 46 anos, Lavoura/Produção de grãos).

O que foi notório é que a maioria das mulheres que disseram ter suas habilidades questionadas (24) tem um nível maior de escolaridade, no mínimo ensino superior completo e idade entre 20 e 52 anos, somente 1 tem o ensino médio completo e 1 tem o ensino fundamental incompleto. Já das que disseram que não tiveram, somente 9 (42,8%) têm formação acima do ensino médio, 5 (23,8%) tem o ensino médio completo, 2 (9,5%) tem o fundamental completo e 4 (19%) tem o ensino fundamental incompleto, a idade destas variou de 24 a 65 anos. Portanto, verifica-se que a visão de preconceito ou desafio entre os gêneros não é uma questão de idade, mas principalmente está correlacionada ao de grau de escolaridade e a uma visão mais crítica, pois a maioria das que já presenciaram desigualdade de gênero, tiveram mais oportunidade de estudo, possuem no geral maior grau de escolaridade. Logicamente, as mais idosas, foram menos oportunizadas nesse quesito, e provavelmente por isso, nos relatos destas dizem não terem tido suas capacidades desafiadas por serem mulheres.

As entrevistadas foram questionadas, se homens e mulheres atuam de forma igualitária no setor agropecuário. Segundo a opinião destas 43 (60,6%) disseram que homens e mulheres não atuam de forma igualitária, 25 (35,2%) disseram que sim, 2 (2,8%) acham que depende da função exercida e 1 (1,4%) não sabe dizer por não atuar mais.

Das que disseram que homens e mulheres não atuam de forma igualitária, algumas complementações das respostas foram:

“Ainda muito pequenos, já começamos a lidar com as expectativas que a sociedade deposita sobre cada um. Já na infância, entramos em contato com uma lista de predileções, afazeres e tarefas específicas construídos socialmente como ‘coisa de meninos’ ou ‘de meninas’. Eles gostam de azul, de futebol e não choram. Elas gostam de rosa, de bonecas e são comportadas. A nossa sociedade diferenciou mulheres e homens em uma prática social e, em seguida, atribuiu maior valor às características masculinas. E quando você tem dentro uma diferença, uma atribuição de maior ou menor valor, gera-se a desigualdade.” (Mulher de 30 anos, Avicultura e atividade leiteira);

“[...] ainda há muito preconceito em relação à capacidade das mulheres por não desempenharem atividades mais pesadas como os homens, porém hoje em dia existem máquinas que facilitam o trabalho e tornam o serviço o mesmo para homens e mulheres.” (Mulher de 43 anos, Atividade leiteira);

“[...] Os homens têm uma carga emocional muito menor. Mulheres casadas e com filhos sofrem preconceitos para serem contratadas e quando são, muitas vezes tem que se desdobrar para lidar com as duas coisas. Mulheres são muito mais competentes porque sabem que tem que se provar o tempo todo.” (Mulher de 31 anos, Médica Veterinária);

“[...] No geral, as mulheres trabalham e têm muitas responsabilidades dentro das propriedades. No entanto, quando da tomada de decisões, quanto a investimentos e distribuição dos ganhos, raramente são ouvidas ou chegam a ser remuneradas. Na maioria das vezes a parte que lhes cabe é usada para sustentar a casa e comprar coisas de necessidade da família.” (Mulher de 46 anos, Extensionista Rural);

“Atualmente não, porém está melhorando ao passar do tempo. Ainda existe muita distinção de gênero, principalmente em cidades do interior e com produtores mais antigos. Sendo a área de assistência técnica a mais desigual, onde os técnicos e os produtores não dão muita confiança às mulheres.” (Mulher de 23 anos, estágio);

“Ainda falta muito diálogo, trabalho sobre sucessão familiar para que homens e mulheres atuem de forma igualitária. Ainda existe muito machismo no meio rural. Poucos homens ajudam nos afazeres do lar, mesmo a mulher contribuindo nas atividades agrícolas.” (Mulher de 31 anos, Atividade leiteira);

“[...] eu percebo atividades ainda mais voltadas a homens como lidar com maquinários, negociação de produção e entregas. Já para as mulheres acaba ficando o serviço de tratar e lidar com os animais, cuidar da horta e dos afazeres domésticos.” (Mulher de 42 anos, Avicultura de postura);

“[...] principalmente no setor Florestal ainda vemos anúncios de vagas e oportunidades, ou até mesmo em dinâmicas de entrevistas os empregadores serem bem explícitos que não empregam mulheres.” (Mulher de 40 anos, Lavoura e cultivo de subsistência);

“[...] Algumas tarefas ainda são exclusivas de homens. Principalmente relacionadas a implementos e máquinas agrícolas.” (Mulher de 59 anos, Lavoura/Produção de grãos);

“[...] homens ainda ficam com o serviço mais pesado, na visão deles, e deixam as mulheres na lida da casa e filhos.” (Mulher de 35 anos, Professora);

“No momento não, a muita diferença entre os mesmos, o homem sempre quer estar à frente das decisões e afazeres.” (Mulher de 20 anos, atividade leiteira).

Das que disseram que homens e mulheres atuam de forma igualitária, tem-se alguns comentários:

“[...] Muitas mulheres utilizam máquinas para a realização do plantio e colheita, bem como na resolução de questões burocráticas de compra, venda e financiamento.” (Mulher de 72 anos, atividade leiteira);

“[...] eu acho e vejo na prática muitos colegas homens e mulheres atuando sim de forma igualitária. Mulheres que viajam. Mulheres que atuam direto no campo.” (Mulher de 31 anos, Zootecnista);

“[...] porque os 2 têm capacidade de planejar e decidir o que precisa ser feito, e também podem dirigir equipamentos e maquinários.” (Mulher de 32 anos, atividade leiteira);

“[...] porque as mulheres têm ido para cima, com determinação, podemos fazer qualquer coisa.” (Mulher de 52 anos, criação de galinha, café e abacate);

“Acredito que as mulheres estão ainda buscando seu espaço, mas que já estão à frente de muitas coisas, podemos ver que as mulheres são mais organizadas e tem até mais sucesso em vários casos.” (Mulher de 21 anos, cursa Zootecnia).

Porém, nota-se uma controvérsia em alguns relatos, das entrevistadas que disseram que homens e mulheres atuam de forma igualitária:

“Eu acho que sim. Que as mulheres são capazes de atuar em todas as atividades. Embora na suinocultura são poucas as mulheres que atuam, na minha região sou a única mulher à frente de uma propriedade de suinocultura.” (Mulher de 56 anos, suinocultura e produção de grãos);

“Sim, aqui fizemos os mesmos trabalhos, mas as mulheres são muito discriminadas e seu trabalho não é reconhecido e valorizado pelos homens da família, mesmo muitas vezes trabalhando várias horas a mais que eles.” (Mulher de 49 anos, Avicultura de corte);

“Sim porque tenho visto agrônomas visitando as lavouras e fazendo perícias de seguro, vejo poucas atuando com a mecanização, antigamente no trabalho manual, tinham mais...” (Mulher de 65 anos, Lavoura/Produção de grãos);

“Sim, no que se refere a atuação de gestão, visto que nas atividade que necessitam do uso de força, homens têm mais facilidade para executá-las.” (Mulher de 58 anos, avicultura e atividade leiteira);

“[...] tem mulheres mais capacitadas que homens. Mas, é muito difícil no setor da agronomia. Difícil ver uma mulher em um trator ou ceifa e acho que nunca vão se igualar aos homens nesse sentido [...]” (Mulher de 55 anos, atividade leiteira);

“Atuam de forma igualitária, porém, nem sempre as oportunidades são iguais, os homens têm mais preferência.” (Mulher de 24 anos).

Como visto nas narrativas, mesmo as que disseram que a atuação de mulheres e homens é igual, relataram que não são vistas da mesma forma que os homens, geralmente não possuem o mesmo reconhecimento no trabalho e não recebem as mesmas oportunidades, talvez por isso, ainda sejam pouco notadas no setor agropecuário. Além do que, o valor do trabalho dos homens é dado pela força física exercida, contudo nos últimos tempos as mulheres estão ganhando espaço, se fazendo presentes em todos os âmbitos (NOBRE, 1998).

Das 71 entrevistadas 61 (85,9%) disseram que ainda existem barreiras a serem rompidas pelas mulheres, no setor agropecuário, 9 (12,7%) disseram que as mulheres já conquistaram todos os espaços dentro do mesmo e 1 (1,4%) não respondeu. Algumas das que disseram que ainda existem barreiras, mencionaram a existência de preconceito e machismo, principalmente na lida direta com o produtor e em empresas do agronegócio, além de assédio em algumas situações. Porém, aos poucos as mulheres estão vencendo isso, se equiparando aos homens, pois estão presentes em todos os setores, mesmo ainda sendo minoria. Alguns comentários:

“[...] Temos muito o que conquistar. Ainda existe preconceito na contratação de mulheres por questões pessoais (gravidez, família) ou por não serem consideradas capazes. Acredito que só vai mudar quando as mulheres se ajudarem.” (Mulher de 31 anos, Médica Veterinária);

“[...] principalmente para quem quer chegar em um ponto mais alto. Para gente que não corre muito atrás das coisas, tá bom...” (Mulher de 51 anos, atividade leiteira);

“[...] Por exemplo, há homens que não ensinam a mulher a dirigir trator, deixam estas fazer as tarefas manuais, não tem projetos e financiamentos exclusivo para mulheres, não são valorizadas.” (Mulher de 32 anos, atividade leiteira);

“Existem mulheres empoderadas, contudo outras ainda permanecem oprimidas, estejam em propriedades rurais, sejam agricultoras ou mulheres atuantes no setor, como prestadoras de serviço ao agro.” (Mulher de 42 anos, Professora);

“A atuação das mulheres em algumas regiões ainda é submissa aos homens e trabalham sem ter autonomia com o dinheiro, não sendo dividido igualmente e elas sendo tratadas como escravas no campo.” (Mulher de 43 anos, horticultura);

“[...] vejo poucas mulheres na agropecuária, mas tendo força de vontade as mulheres podem ir longe, cada um deve saber seu lugar e ter em mente seu projeto de vida.” (Mulher de 56 anos, Suinocultura e produção de grãos);

“Ainda temos barreiras a serem rompidas, na própria questão de assistência técnica, são mais homens do que mulheres, em associações e sindicatos, na própria política.” (Mulher de 42 anos, avicultura de postura);

“Existe ainda a barreira do respeito que não existe por parte de alguns colegas ou mesmo de produtores e outras pessoas relacionadas ao setor.” (Mulher de 31 anos, Médica Veterinária);

“Ainda tem que se trabalhar muito, pois sei que muitos cursos promovidos na produção de leite quem vai são os homens e em casa são as mulheres que atuam.” (Mulher de 35 anos, atividade leiteira);

“Muitas barreiras a serem superadas...que não dependem somente da mulher..., mas de um amadurecimento por parte da sociedade como um todo.” (Mulher de 46 anos, Extensão rural);

“Tem que conquistar mais espaço. Existem ainda barreiras a serem rompidas, principalmente nas famílias que têm pessoas de mais idade.” (Mulher de 31 anos, atividade leiteira).

“Existem muitas pessoas que acham que só o marido manda, mas todos trabalhamos juntos, então todos têm direito a opinião.” (Mulher de 43 anos, atividade leiteira).

Já das que disseram que as mulheres já conquistaram todos os espaços dentro do setor agropecuário, os comentários foram os seguintes:

“[...] Quando a mulher vence a sua competitividade natural com outras mulheres, e controla seus sentimentos, ela se torna uma grande líder.” (Mulher de 39 anos, Professora);

“[...] basta querer e ir à luta, as mulheres já conquistaram muito. E aquela que quer, conquistará cada dia mais.” (Mulher de 55 anos, atividade leiteira);

“Quando o profissional é competente ele pode chegar onde ele quiser! Rompe qualquer barreira, dificuldade no caminho.” (Mulher de 31 anos, Zootecnista);

“Acho que essas barreiras já estão vencidas, já conseguimos até uma ministra mulher na agricultura.” (Mulher de 48 anos, Produção de café).

Estes relatos vêm de encontro com o descrito por Sales (2007), ela menciona que as mulheres precisaram lutar pelos direitos para serem reconhecidas como trabalhadoras, mesmo trabalhando desde muito pequenas no meio rural.

Sobre os sonhos e as perspectivas futuras se percebe em vários relatos, que as mulheres relacionam a felicidade com a família, o bem-estar e união da mesma, o que também é descrito na dissertação de Monteiro (2015), onde todas as pesquisadas ligaram o bem-estar, a positividade e a autoestima ao sucesso dos filhos, ou seja, ao cuidado com a família.

Contudo, o sonho/meta futura que aparece com maior incidência, consiste em melhorar ainda mais a propriedade e/ou a atividade, elas pretendem investir em tecnologias, no

melhoramento do solo, no aumento do plantel de animais, ou no sistema de ordenha e manejo dos animais, na produtividade e até mesmo em turismo rural. Assim também, no artigo desenvolvido por Spanevello, Matte e Boscardin (2016) as contempladas com o Pronaf Mulher, utilizaram o crédito disponibilizado principalmente na compra de maquinários agrícolas, equipamentos para a produção leiteira, melhoramento de solo e melhoria na infraestrutura da produção de suínos. Também se observa, o sonho da casa nova ou melhora da mesma, o que condiz com a pesquisa de Santos (2018), na qual algumas mulheres se diziam realizadas, porém ainda tinham o sonho de ter uma casa nova/melhor.

Em relação a realização dessas mulheres, 59 (83,1%) disseram serem realizadas, 6 (8,5%) parcialmente, 5 (7,0%) disseram que não são realizadas e 1 (1,4%) não respondeu. Os relatos dão indícios de que no início estas mulheres não entraram no setor por escolha própria, mas acabaram criando amor por este e se identificando. De forma geral, constata-se que a maioria se vê satisfeita ou realizada com sua própria vida, por isso, algumas enfatizam que não trocariam a mesma por nenhum outro modo de vivência.

4. Considerações finais

Constatou-se com a pesquisa que muitas mulheres ainda vivenciam a desigualdade de gênero nas atividades no setor agropecuário. Embora na percepção da maioria, mulheres com menor grau de escolaridade, não existe desigualdade de gênero. Atribui-se essa percepção aos costumes familiares por elas vivenciado, e a falta de conhecimento sobre direitos e deveres. Pois as que relatam situações de machismo e desigualdade, possuem um maior nível de escolaridade, como a variabilidade de idades é grande, acredita-se que esta visão não tem nada a ver com idade, mas sim com o grau de escolaridade.

Das entrevistadas 85,9% disseram que ainda existem muitas barreiras a serem rompidas pelas mulheres no setor agropecuário. E em pleno século XXI é inimaginável, que algumas mulheres não possuam ajuda do marido/companheiro nos serviços domésticos e cuidados com os filhos, embora estas, além do lar, também atuem em outras atividades.

Muitas das participantes relatam que houveram muitas conquistas e que a infraestrutura de trabalho já melhorou muito para as mulheres no setor agropecuário. E de forma geral, quase unânime, constata-se que as participantes, mesmo as que não escolheram atuar no setor agropecuário, se vêm hoje satisfeitas e realizadas com sua própria vida.

Também ficou notório que as mulheres sempre estão preocupadas com a proteção dos filhos, bem-estar da família e um melhor conforto para essa, e ainda, as participantes se mostraram muito preocupadas em melhorar suas propriedades, o que consequentemente pode proporcionar ampliação de renda para a família, e por conseguinte, maior qualidade de vida para esta.

5. Referências

BLUM, S. D. Called by the earth: women in sustainable farming. **Journal of Workplace Rights**, Indiana, v. 16, n. 3, p. 315-336, 2012.

BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 205-227, jan./abr. 2004.

CARNEIRO, M. J. Herança e gênero entre agricultores familiares. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 1, p. 22-55, 2001.

CEPEA- Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada. **Mulheres no Agronegócio**. Piracicaba-SP, 2018. Disponível em: <https://www.cepea.esalq.usp.br/upload/kceditor/files/Mulheres%20no%20agro_FINAL.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2020.

CIELO, I. D.; WENNINGKAMP, K. R.; SCHMIDT, C. M. A participação feminina no agronegócio: o caso da Coopavel – Cooperativa Agroindustrial de Cascavel. **Revista Capital Científico**, Guarapuava, v. 12, n. 1, jan./mar. 2014. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/230462037.pdf>>.

GASPARINI, C. O máximo de horas que você pode trabalhar, segundo a ciência. **Super Interessante**. Mai. 2016. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/saude/o-maximo-de-horas-que-voce-pode-trabalhar-segundo-a-ciencia/>>. Acesso em: 24 mai. 2021.

HOFFMANN, R. Como mulheres e homens contribuem para a desigualdade da renda domiciliar per capita no Brasil. **Economia e Sociedade**, v. 28, n. 3, p. 821-854, 2019.

KISCHENER, M. A.; KIYOTA, N.; PERONDI, M. A. Sucessão geracional na agricultura familiar: lições apreendidas em duas comunidades rurais. **Mundo Agrário**, La Plata, v. 16, n. 33, p. 133-160. Dezembro. 2015. Recuperado de <<http://www.scielo.org.ar/pdf/magr/v16n33/v16n33a07.pdf>>.

LIMA, M. E. O.; GONDIM, S. M. G.; SANTOS, I. C. N.; SÁ, M. O.; BONFIM, M. C. Imagens sociais e gênero nas relações de trabalho. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 71-102, jan./jun. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/rpot/article/view/7774>>.

MADUREIRA, J. M. **Desenvolvimento rural sustentável e o trabalho feminino no município de Marechal Cândido Rondon-PR: um estudo de caso**. 2017. 115 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural Sustentável) - Centro de Ciências Agrárias da Unioeste, Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon. 2017. Disponível em: <<http://tede.unioeste.br/handle/tede/3320>>.

MARTINS, E. F.; HOFFMANN, Z. Os papéis de gênero nos livros didáticos de ciências. In: **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**. Universidade Federal de Minas Gerais. v. 9, n. 1, p. 106-120, 2009.

MONTEIRO, C. F. B. **Construção de Sentidos sobre Vida de Qualidade por Agricultoras Familiares**. 2015. 129 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá. Maringá. 2015. Disponível em: <<http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/5688>>. Acesso em: 30 de fev. 2021.

NOBRE, M. Relações de gênero e agricultura familiar. **Gênero e Agricultura familiar**. São Paulo: Sempreviva Organização Feminista, p. 68, 1998.

OLINTO, G. **A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil**. Inc. Soc., Brasília, DF, v. 5, n. 1, p. 68-77, jul./dez. 2011.

SALES, C. M. V. Mulheres rurais: tecendo novas relações e reconhecendo direitos. **Rev. Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 437-443, ago. 2007.

SANTOS, A. M. D. **Trajetórias de mulheres agricultoras que se tornaram lideranças políticas: resistências e conquistas**. 2019. 151f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2019.

SILVA, E. J. Jovens agricultores: entre a reprodução e a resignificação da vida no campo. In: V Simpósio sobre Juventude Brasileira, Recife, Vol. 1, 2012. Disponível em: <<http://www.unicap.br/jubra/wp-content/uploads/2012/10/TRABALHO-139.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

SPANEVELLO, R. M. **A dinâmica sucessória na agricultura familiar**. 2008. 236 p. Trabalho de Conclusão de curso (Pós-Graduação de Desenvolvimento Rural) – Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Recuperado de <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/16024>>.

SPANEVELLO, R. M.; MATTE, A.; BOSCARDIN, M. Crédito rural na perspectiva das mulheres trabalhadoras rurais da agricultura familiar: uma análise do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF). **Polis, Revista Latinoamericana**, Santiago, v. 15, n. 44, p. 393-414, ago. 2016. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-65682016000200018&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 08 out. 2020.

STADUTO, R.; ANDRONIO, J.; NASCIMENTO, C. A.; SOUZA, M. Ocupações e renda das mulheres e homens no rural do estado do Paraná, Brasil: uma perspectiva de gênero. **Cuad. Desarro. Rural**, Bogotá, v. 10, n. 72, p. 91-115, Dec. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0122-14502013000300006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 out. 2020.